

“Escreve-se para o outro”: entrevista com Cuti

Por Grazielle Frederico,¹ Lúcia Tormin Mollo² e Paula Queiroz Dutra³

Cuti (1951) nasceu em Ourinhos-SP, é doutor em Literatura Brasileira pela Unicamp. Ingressou na carreira literária em 1978, tendo sido um dos fundadores do *Quilombhoje-Literatura* e um dos criadores e mantenedores da série *Cadernos negros*. Sua obra enfoca principalmente as vivências – de negros, mestiços e brancos – decorrentes do racismo presente na sociedade brasileira, além das relações afetivas e sexuais contemporâneas. Tem inúmeros livros publicados, entre eles, *A pelada peluda no Largo da Bola* (novela juvenil, 1988), *Negros em contos* (1996), *Sanga* (poemas, 2002) e *Negroesia* (poemas, 2007), *Dois nós na noite e outras peças* (teatro, 2009) e *Literatura negro-brasileira* (ensaio, 2010).

Qual a sua relação com a literatura?

A minha relação com a literatura é visceral. Escrevo por necessidade profunda de me situar no mundo.

Você acha importante se dizer autor negro dentro do campo literário brasileiro? O rótulo demarca ou aprisiona a sua trajetória?

Acho importante, sim. Demarca uma tomada de consciência que se traduz em propósito de pertencimento a uma parte da tradição literária brasileira, aquela em que os autores traduzem em seus textos uma subjetividade que se quer individual e, ao mesmo tempo, coletiva, cujo conteúdo existencial traduz experiências históricas de mais de 400 anos. Não é rótulo. É identidade. E só aprisiona aqueles autores que anseiam pelo reconhecimento social a qualquer preço, inclusive o da renúncia de si mesmos enquanto seres humanos em profundidade.

¹ Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: grafrederico@gmail.com

² Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: ltorminmollo@gmail.com

³ Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: qpaulad@gmail.com

O racismo presente na sociedade brasileira afeta a sua produção?

O que afeta a minha produção literária é a luta contra o racismo. Isso porque essa luta implica em busca de liberdade, que é o traço mais importante do ser humano.

Quais temas ultimamente te interessam, te instigam a escrever?

Os temas que têm me interessado muito são os relativos à superação das injustiças e as várias facetas das relações amorosas e sexuais. Cada texto tem a sua gênese própria. Pensamento, emoção, sentimento, lembrança, fato, tudo pode desencadear um texto.

Qual a relação de sua escrita com suas experiências (pensando em raça, gênero, classe, moradia, geração etc.)?

É uma relação discreta. Não faço texto autobiográfico. Minhas experiências pessoais estão em meus textos transfiguradas. O imaginário dá conta de dificultar a leitura biográfica, uma das vertentes mais pobres da crítica, para a qual faço questão de não oferecer subsídio.

Qual o peso que o machismo ainda tem no Brasil atual?

O machismo tem um peso enorme, porque somos um país com grande parte da população mal instruída, carente de informações básicas sobre respeito e cidadania. Por outro lado, o contingente de mulheres machistas é muito grande. E elas reforçam a truculência dos homens. Lembro-me do trecho de uma música que fez muito sucesso, mas não me recordo o nome: “Como diz Leila Diniz / Homem tem de ser durão”. São muitos os exemplos do lastro patriarcal-escravagista da sociedade brasileira, a fonte do machismo e do racismo. A produção cultural e artística atual ainda tem muito dessa vertente.

É possível desvincular a produção literária de um ato político?

É possível a desvinculação de um determinado ato político, mas não fazer com que a produção literária não seja um ato político por si só. Escreve-se para o outro, não para si mesmo. Fica estabelecida uma relação que pressupõe uma influência, a consideração do que é

relevante, em um dado momento, dizer. Na *polis* a palavra está sempre eivada de ideologia e como ela é manipulada também. Até o verso do amorzinho água com açúcar é político.

Em diversos trabalhos de autoria negra, vemos o corpo como uma dimensão muito presente. O que esse corpo significa em sua produção? A que ele serve?

O corpo no meu trabalho é um não corpo, porque não se desvincula da minha visão de ser humano como um todo indivisível. A predominante ideia de ser humano dual (corpo/alma) é extremamente ruim. É ela que nos faz desprezar a nossa materialidade. É ela que induz as pessoas a descuidarem de sua saúde, a se maltratarem com a ingestão de todo tipo de alimentação nociva, de drogas e a autoexigência destrutiva. É ela que promete uma vida além desta para uma parte de nós e a podridão para a outra. Assim, nasceu e permanece viva a ilusão de que podemos também desprezar esta vida em nome de outra. Como a escravidão está presente de várias formas, a libertação negra se apresenta como uma das vias mais importantes para a constituição de uma nova visão de ser humano, completo, indivisível. Não temos corpo, somos corpo espiritualizado e espírito corporificado, sem a possibilidade de divisão. Toda a escravidão, ação de se apropriar de alguém, tem a ideia pobre de ser humano enquanto corpo. Diziam que os escravizados não tinham alma, subjetividade. Com essa concepção agem os escravistas modernos, principalmente os que se dizem empregadores.

Qual sua análise sobre um aumento dos mais diversos tipos de intolerância (religiosa, de gênero, étnico-racial, social) no país? Vivemos tempos mais violentos?

Não vivemos tempos mais violentos. Vivemos tempos mais letais pelo fato de os instrumentos de destruição serem mais eficazes e estarem cada vez mais disponíveis. E a instrução em sua horizontalidade tem tido como reação o medo de se encontrar perante as grandes perguntas que envolvem a existência humana. Os aproveitadores desse medo incentivam as pessoas a todo tipo de fundamentalismo em troca de uma promessa de segurança ilusória. As intolerâncias vêm daí.

É possível vislumbrar uma melhora na inserção no mercado editorial a partir de novas mídias, como as redes sociais? Isso tem alguma influência na sua escrita?

Tenho a natural dificuldade geracional de lidar com redes sociais e novas mídias. Reconheço que elas podem, sim, melhorar a inserção no mercado editorial. Entretanto, esse mercado tem suas premissas ideológicas hegemônicas. Novas tecnologias alteram muito pouco as ideias cristalizadas. É o confronto de concepções de mundo que realiza isso, não importa o suporte material em que ele seja veiculado.

Se fosse possível criar uma imagem do Brasil a partir dos escritores contemporâneos, qual imagem você acha que teríamos?

Escritores contemporâneos são muitos. E o escritor nem sempre é o melhor espelho de sua própria literatura. Além disso, o contemporâneo não pode ser demarcado. Creio que historicamente temos tido um desencantamento com o Brasil, porque a hipocrisia foi e ainda é o sustentáculo ideológico mais importante nas formações discursivas dominantes. O país não é e nunca foi o que é ensinado, o disseminado. Nosso entusiasmo cultural vive se debatendo com nosso pessimismo em face do político. O Brasil, assim, vai se demonstrando cada vez mais como uma caricatura dos Estados Unidos e da Europa.

Quais autores, pensadores e pessoas que influenciam sua obra?

Cito apenas alguns, porque são muitos: Aimé Césaire, Frantz Fanon, Abdias do Nascimento, Toni Morrison, Sartre, Freud, Lima Barreto, Lélia Gonzalez, Cruz e Sousa, Richard Wright, Ralph Ellison, Terry Eagleton, Nietzsche, Carlos Moore, Drummond, Fernando Pessoa e Léopold Senghor.